

Onde ficou a pecuária brasileira no PAC?

¹Nelson Pineda

Recentemente o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz anunciou a retração do PIB da atividade pecuária no ano 2009. As perdas de exportação da indústria frigorífica superam a casa de um bilhão de dólares, produto da retração mundial de consumo, das variações cambiais e das barreiras sanitárias impostas à carne bovina brasileira.

A sanidade animal a nível continental continua sendo um desafio para a América do Sul. Sermos barrados de alguns mercados por motivos sanitários, começar o ano 2010 ainda com a União Européia de portas fechadas à espera de uma nova missão que possa nos dar um parecer de boa conduta, é emblemático e mostra o quanto a pecuária brasileira precisa ser repensada pelo setor.

Como é possível que o Brasil, com o maior rebanho bovino do mundo explorado comercialmente, com um faturamento líquido que se mede na casa dos bilhões de dólares, desde 2002 continue refém da falta de competência de implantar um sistema de rastreabilidade? Como é possível que uma doença chamada aftosa possa de um instante para o outro, paralisar todas as exportações, gerar enorme desemprego nos frigoríficos e complicar tremendamente o abastecimento interno pelo acúmulo de oferta? Enfim, como é possível o Brasil continuar refém desta situação por falta de investimento em defesa sanitária com um orçamento atual depauperado?

A pecuária brasileira, como segmento estratégico na produção alimentar, na interiorização da economia de forma produtiva, merece ter uma defesa sanitária altamente eficiente e, mais do que isso, tem condições de alavancar a erradicação da febre aftosa na América do Sul através de ações diplomáticas e de sanidade pró-ativas e compartilhadas. Não podemos continuar à mercê de uma doença que já foi erradicada em boa parte do mundo civilizado, sendo que se detém tecnologia para isso. É difícil acreditar que faltem recursos para esse fim. Faz-se necessária uma transformação geral, um redimensionamento dos recursos, Um país que não prioriza a sanidade animal não enxerga este segmento no prisma real da sua importância.

O PAC não contemplou até hoje a agropecuária diretamente. Apesar de o governo declarar que o setor agrícola será beneficiado pelos investimentos anunciados em infraestrutura, a realidade é que continuamos sem um programa estratégico de crescimento das exportações do agronegócio e da transformação do Centro-Oeste num celeiro mundial. Não temos planejamento estratégico de desenvolvimento da agropecuária e tal como o programa de reabilitação continua uma colcha de retalhos, o PAC não passa de um remendo de estradas e de um anúncio de ideias. A infraestrutura tem que ser tratada num projeto macroeconômico e estratégico para o Brasil realmente vir a crescer.

O Ministério da Agricultura não é tratado como prioritário pelo governo. Na verdade esse comportamento tem sido praxe de todos os governos nos últimos trinta anos que sempre subestimaram agricultura. Em ano eleitoral os projetos aparentemente visam a entusiasmar a população para um novo Brasil com crescimento acelerado, mas o governo se esquece novamente da agricultura. As áreas que engendraram essas idéias são nitidamente urbanas e representam outros interesses políticos. O que falta à pecuária brasileira é repensar uma agenda de retomada do setor.

O PAC é uma lista de intenções, onde a pecuária não foi contemplada. Muitas vezes o que queremos para a agricultura é alcançado pelo efeito de outras ações. Os governantes confundem a imagem da pecuária com os interesses pessoais do pecuarista e deixam de pensar em interesses nacionais e projetos que envolvem empregos e competitividade internacional, que amealham dólares e recursos para financiar o nosso desenvolvimento.

Se o país tivesse uma agenda de crescimento real para a pecuária, não estaríamos procurando clientes na África, estaríamos apresentando ao mundo um projeto de produção de carne bovina com sustentabilidade. Este é o Brasil grande, com que sonhamos, e que certamente não está no PAC, nem nas intenções de governo forte, centralizador e social de Dona Dilma Rousseff.

¹ Pecuarista, Eng^o Químico. Membro da Câmara Setorial da Carne do Estado da Bahia.